

Maquiagens

O expurgo dos últimos reajustamentos de preços da inflação de fevereiro — idéia cogitada pelos técnicos do Governo — não beneficia a ninguém e prejudica a muitos. Por que fazê-lo, então?

Dissemos ontem aqui, e parece ser essa também a opinião da maioria dos especialistas, que o conjunto de medidas que o Governo baixará hoje é bastante bom, bem articulado e tem todas as condições para baixar a inflação. Mas há uma vulnerabilidade básica capaz de pôr tudo a perder, a baixa credibilidade do Governo e, por conseguinte, a exigência de que tudo se faça com clareza e sem escamoteamentos. Se a opinião pública e, sobretudo, os agentes privados da economia perceberem que há zonas cinzentas por trás das palavras, cada um tratará de se defender e o programa desaba.

Reduzir artificialmente a inflação visando a conter salário é uma inocuidade absoluta. O trabalhador facilmente sentirá a manobra quando seu poder de compra se deteriorar. Para ele tudo se resume a um orçamento. Havendo déficit haverá reclamação. Para o conjunto da sociedade a maquiagem significará falta de confiança do próprio Governo em seu plano. Se ele desconfia, quem confiará?

Já tivemos no passado, em vários Governos, manipulação de índices inflacionários. Invariavelmente eles resultaram na acumulação de defasagens salariais que consolidaram no trabalhador a idéia de que a corda arrebenta sempre do seu lado. Hoje, com o poder sindical firmemente estabelecido, dificilmente o golpe poderá ter êxito de novo. A tentativa de repeti-lo será fatal para o programa.

Além disso, o Governo já deveria ter

compreendido o que os empresários mais cedo compreenderam: não há solução para ninguém fora do crescimento econômico e este passa compulsoriamente pela preservação do poder de compra dos salários. Os empresários não estão, absolutamente, interessados em produzir defasagens salariais.

O Governo deverá assumir a realidade de que teremos inflação altíssima em janeiro e fevereiro, por culpa das remarcações cautelares dos últimos dias e dos reajustamentos compensatórios promovidos por ele próprio. O efeito indesejável dessa inflação será retardar os resultados positivos do programa antiinflacionário, porque as correções terão de ser compensadas nos salários, promovendo-se, aqui e ali, outros desequilíbrios que precisarão ser corrigidos. Mas terá que ser assim ou não será nada, porque os trabalhadores não podem e não devem aceitar sozinhos o sacrifício. Se os setores empresariais desalinhados, inclusive aqueles administrados pelo Governo, estão sendo previamente protegidos por reajustes corretivos, todos os outros que estiverem em desequilíbrio ou que venham a se desequilibrar terão direito a correções. Não poderá ser diferente.

Registremos, por outro lado, nossa perplexidade em face de alguns reajustamentos corretivos que o Governo vem praticando. O do alumínio, por exemplo. Como um setor altamente cartelizado como esse poderá ter acumulado defasagem? O dos combustíveis é outro exemplo. É sabido que eles tiveram um aumento acumulado no último ano superior à inflação. Ainda assim está o setor desalinhado? Ou o consumidor está subsidiando ineficiências?